

HISTÓRIAS QUE DIVERTEM E ADVERTEM

Joselice Macedo de Barreiro¹

É sempre motivo de interesse, em sala de aula, nas primeiras séries do ensino fundamental, a leitura de fábulas concebidas como uma história que tem como personagens animais que se comportam como homens, protagonizando seus defeitos, seus comportamentos às vezes não muito desejáveis, terminando sempre com um ensinamento moral. Este tipo de narrativa foi endossado como um dos instrumentos educacionais. Mas nem sempre são apenas as crianças que se sentem atraídas pelas fábulas. Através dos séculos escritores vêm produzindo fábulas ou imitando as dos antigos ou criando novas. Mesmo entre nós, não podemos esquecer escritores como Monteiro Lobato, Millor Fernandes, etc. seus continuadores, abordando-as à sua maneira.

Este trabalho está inserido em um projeto de pesquisa coletivo “Estudo diacrônico de fábulas da Antigüidade clássica à modernidade”, uma das linhas de pesquisa do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso (NEAD) da Universidade Católica do Salvador.

Ao propormos o projeto de pesquisa individual “Uma releitura de fábulas de Fedro” do qual esta comunicação faz parte, um de nossos objetivos foi o de propiciar a professores do ensino fundamental e médio informações que os levem a entender a dimensão dessas histórias. Sobre a função das fábulas, Fedro afirma no Prólogo do Livro I “Este livrinho tem duplo mérito: faz rir e dá sábios conselhos para a conduta na vida”.

Nesta comunicação, além de focalizarmos o conceito de fábula, sua origem, esboçamos traços da figura de Fedro, o primeiro e mais importante cultivador da fábula entre os romanos, dando exemplos de sua obra, pela análise de duas de suas fábulas, sob a ótica da Análise do Discurso, da linha francesa, aplicando alguns pressupostos teóricos como, condições de produção do sentido, heterogeneidade discursiva e polifonia.

Uma pergunta vocês poderiam fazer: afinal, o que é uma fábula, e qual é sua origem? Inicialmente, ela tinha dois significados: eram diálogos adaptados ao teatro. Ou era um relato simples, curto, de ficção, significado acolhido pelos fabulistas. A fábula tem uma origem muito antiga, inicialmente com seu aspecto de apólogo animalesco, provérbios etc. costumavam viajar de país em país, sem uma forma definitiva com variadas e anônimas vestes. Este gênero narrativo sempre teve que adaptar-se às necessidades do momento em que eram elaboradas. A tradição atribui a criação das fábulas a Esopo, personagem mítico grego e bastante polêmico, mesmo quanto à sua existência, deixando no esquecimento Fedro, também de origem grega, feito escravo e levado a Roma, onde foi alforriado pelo imperador Augusto. Parece que viveu também durante o império de Tibério, estendendo-se aos de Calígula e de Cláudio. Não é muito o que se sabe de sua vida. Embora tenha recebido a carta de “manumissio” dada por Augusto que sempre o protegeu, reconhecendo seu engenho e inteligência, sua obra permaneceu desconhecida nos meios culturais e intelectuais de seu tempo. O modelo de Esopo continuou a ser o único válido.

O próprio Fedro diz no Prólogo acima citado, “Foi Esopo quem, em primeiro lugar, encontrou esta matéria (temática). E eu a poli em versos senários” (jâmbicos).

Fedro transferiu para o contexto romano as fábulas (reunidas em cinco Livros), elevando esta narrativa, geralmente em prosa, à poesia. Mesmo assim, a fábula constituía um gênero menor, diante do

¹ Doutora em Linguística, Coordenadora do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso (NEAD) da Universidade Católica do Salvador (UCSal) Jo.barreiro@ig.com.br.

que consideravam a grandeza da epopéia e da lírica, porque estavam sempre voltadas para o povo, criticando os governantes. A própria versificação, os “senários jâmbicos”, é uma das características que aproximavam a fábula do povo, bem como sua temática. A fábula representava o outro lado da epopéia e da lírica, pois era a vida de todo o dia, a vida medíocre comum, servil, espécie de comédia humana. O espírito popular de reivindicações, que já existia um pouco na natureza e na origem da fábula, encontra-se e se redefine nos cinco Livros das Fabulas Aesópicas de Fedro, tendo sido seu autor possivelmente atraído pela situação dos escravos que não podiam externar seus pensamentos. Podemos ler no epílogo de seu Livro III a afirmação de que desde criança aprendeu que a gente humilde, o “plebeu”, não pode falar abertamente. Por isso, faz falar os animais.

Onde e quando Fedro nasceu? Leiamos o que ele informa, no Prólogo do Livro III: “Quanto a mim, minha mãe deu-me a luz no alto do monte Pierio, onde Mnemosine, nove vezes fecundada deu ao poderoso Júpiter, (chamado) o Trovão, as protetoras das artes”, isto é, as nove Musas. Era, portanto, grego de origem. Da Trácia? Da Macedônia? Não é possível uma resposta categórica.

No tempo de Tibério, este tinha um assessor muito cruel e tirânico e com grande poder nas mãos. Sejano, chamava-se ele. Sentindo-se atingido por algumas fábulas, perseguiu o fabulista, o acusou e o condenou com “fictis causis”, isto é, com motivos fictícios, como ele diz na fábula “O lobo e o cordeiro”. Sua reabilitação só se deu com a queda do tirano. O contexto sócio – histórico e político da época de Tibério era o das delações, dos crimes, de todas as fraquezas e de todas as vergonhas da natureza humana.

O lado político das fábulas em Fedro é, portanto, real. Insistimos neste ponto: a fábula está a refletir pautas do comportamento humano numa sociedade histórica que se move com uma ética e ideologia determinadas. Vemos aí em Fedro a crítica mordaz da ordem social e política.

Atribuídas a Fedro, chegaram até nós 122 fábulas, distribuídas em cinco Livros. Estas fábulas foram transmitidas pelo Codex Pithoeanus. Porém cada um de seus Livros é apenas um extrato da coletânea original. Chega-se a esta conclusão pelas próprias alusões do autor, nos prólogos e epílogos, a uma maior extensão das fábulas e a tipos mais variados delas.

Inicialmente, Fedro, no Livro I e grande parte do II, tratou dos temas mais comuns de Esopo: o lobo e o cordeiro, a raposa e o corvo, o asno e o leão, a rã e o boi, etc. Pouco a pouco Fedro passou a ampliar seu campo, introduzindo fábulas de outros tipos. Em algumas, os homens não são mais travestidos de animais. Encontram-se anedotas históricas, episódios de vários tipos. Mas havia sempre um aspecto dominante: o débil oprimido perante o opressor astuto.

O valor de Fedro só foi reconhecido quinze séculos depois de sua morte. Ele saiu do anonimato em 1596, quando Pierre Pithou publicou a coletânea de fábulas conhecida por Pithoeanus, como mencionamos acima.

Parece que os Livros I e II foram escritos sob Augusto e Tibério. O Livro III, após a morte de Augusto e de Tibério. Nele refletem-se as dolorosas experiências por que passou o poeta sob Tibério e nas mãos de Sejano. Parece que os seus livros IV e V compuseram-se durante o mandado de Cláudio; por isso, imagina-se que Fedro já não vivia nos tempos de Nero. Portanto são também obscuros os dados sobre sua morte.

A forma e a temática das fábulas fedrianas estão bem próximas da tradição grega. Os personagens das fábulas eram animais, seres humanos, ou plantas. No Prólogo do 1º Livro, ele comenta:... “Aquele que vier me censurar injustamente pelo fato de fazer falar não somente os animais, mas também as plantas, eu lembrarei que me divirto aqui (neste livro) com puras ficções”. Mas nas coleções que nos chegaram não constam como personagens plantas. Possivelmente perderam-se nas versões das coletâneas transmitidas através dos séculos.

A seguir, vamos dar um exemplo de fábula em que atuam animais. O texto é bilíngüe, latim, francês. A tradução para o português é de minha autoria, baseada na edição *Fables de Phèdre*. Paris: Garnier Frères, Libraires – Editeurs.

Trata-se da Fábula VI do Livro III, *A mosca e a mula*:

Uma mosca pousou no timão (de uma carroça) e, provocando a mula, disse: “Como és lenta! Não queres ir caminhando mais depressa? Toma cuidado para que eu não te aferroe o pescoço com meu ferrão”. A mula respondeu-lhe: “Não me comovo com tuas palavras, mas tenho medo é do homem sentado no banco da frente que me controla, (batendo) com um chicote flexível no meu lombo e retém com o freio minha boca espumante. Abandona então, tua frívola arrogância; pois sei quando preciso parar e quando devo correr”.

Esta fábula pode servir para tornar ridículos aqueles que distribuem ameaças impotentes.

Estamos diante de uma fábula nos moldes da fábula clássica de Esopo, isto é, formada de dois parágrafos. O primeiro, em que está o discurso fabular e um segundo constituído pela lição que se pode deprender do que nos conta a fábula. É a “moral”. Quando esta aparece no fim da narrativa, como é o caso, chama-se de epímítio: “Esta fábula pode servir para tornar ridículos aqueles que distribuem ameaças impotentes”.

Quanto ao discurso narrativo, ele se nos apresenta simples, objetivo. No latim, língua original dos textos fedrianos chama-nos a atenção o ritmo poético dos pés métricos, o que confere ao texto um ritmo suave.

Reflitamos por um momento sobre o discurso fabular. Recorremos a Authier Revuz (1988). A partir do conceito de dialogia de M. Bakhtin, apresentado em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, que contraria a visão tradicional de homogeneidade da linguagem, ela trabalha em seu livro *Palavras incertas* com o que denomina a **heterogeneidade mostrada**. Aponta três tipos de **heterogeneidade mostrada** dos quais destaco os discursos direto e indireto, presentes nas fábulas que analisamos. No discurso relatado indireto, o Locutor usa de suas próprias palavras para traduzir as de um outro. No discurso direto, o Locutor assinala as palavras do outro em seu discurso por meio de aspas, itálico, de remissão a outro discurso, sem que o fio discursivo seja interrompido.

Destacamos no texto *A mosca e a mula* o discurso direto que é reconhecido pela introdução do verbo **disse** e pelas palavras entre aspas “*Como és lenta! Não queres ir caminhando mais depressa? Toma cuidado para que eu não te aferroe com meu ferrão*”. Pelo verbo **Respondeu-lhe**: “*Não me comovo com tuas palavras, mas tenho medo[...] e quando devo correr*”.

Mas o discurso indireto é também usado no texto. Se partirmos do princípio de que o relato da fábula pode ser considerado como uma fixação por escrito de algo que já existe no imaginário coletivo, pressupõe-se implícito um verbo, como por exemplo, “diz-se que”. O Locutor usa de suas próprias palavras para fazer o relato, com a introdução, repito, de “diz-se que”, seguido de duas substantivas diretas: “uma mosca pousou no timão de uma carroça e provocando a mula [...]” e mais adiante, “a mula respondeu-lhe”, configurando-se assim, uma construção em estilo indireto.

Mas nossa análise deve ir um pouco mais além. A teoria polifônica de Ducrot (1987), exposta em seu livro *O dizer e o dito* vai ser-nos de grande valia. Ele propõe que a enunciação pode conter um ou vários sujeitos. Sua tese, em resumo, é a de que é necessário distinguir entre esses sujeitos pelo menos dois tipos de personagens: **os locutores e os enunciadores**. **O Locutor** é um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade desse enunciado. É a ele que se refere o pronome de 1ª pessoa. E os enunciadores? Eles se expressam através da enunciação sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas.

Voltemos ao texto em questão, aplicando a teoria polifônica de Ducrot que retoma as noções de dialogia e de polifonia de Bakhtin, exposta em seu livro já citado *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Um Locutor convoca um enunciador anônimo, o E1, que é o porta-voz de interdiscursos do imaginário popular e de discursos repetidos através da memória discursiva e que assume a responsabilidade da

narrativa fabular. Nesta fábula, o E₁ contracenava com um E₂, a mosca, e E₃, a mula, cujas vozes, em estilo direto, são caracterizadas pelas aspas e introduzidas pelos “verba dicendi”; **disse e respondeu**. A voz anônima do E₁ se faz de novo presente no epimítio, representando o imaginário popular, “Esta fábula pode servir para tornar ridículos aqueles que distribuem ameaças impotentes”. Portanto, a dialogia explícita desta fábula e a aplicação dos conceitos de heterogeneidade discursiva e da polifonia permitem uma melhor compreensão do texto, atribuindo-lhe sentidos, levando a mais de uma leitura, isto é, a uma leitura polissêmica. A análise poderia ser complementada com a aplicação de outros pressupostos teóricos que o espaço disponível não o permite.

Na Introdução do livro *Fedro Fábula*, edição bilíngüe latim, galego, 1988, lê-se, traduzindo o galego: “Tentamos além do mais situar o conselho moral das fábulas na sua própria cultura popular lançando mão de nosso refraneiro”. “Pode-se constatar como os modos de vida latina e galega não estão muito afastados”. À fábula “*A mosca e a mula*” correspondeu-lhe o refrão popular “Moito presumir, ou dá que chorar, ou dá que rir”.

Passemos agora a uma fábula em que os personagens são seres humanos. Ela tem como cenografia discursiva a zona rural e seu imaginário. Trata-se da Fábula III do Livro III *Esopo e o camponês*.

Conta-se que um homem experiente tem muito mais conhecimento que um adivinho. Qual é a origem deste provérbio? Não se diz. Minha fábula, por vez primeira vai ensiná-la.

Um camponês tinha um rebanho de ovelhas que pariram cordeiros com a cabeça humana. Estarrecido pelo prodígio, (ele) correu todo aflito consultar os adivinhos. Um responde que sua vida está em perigo e que é preciso afastá-lo (com a oferenda) de uma vítima. Outro (adivinho), entretanto afirma que sua mulher é adúltera e que isto significa a ilegitimidade dos filhos, mas que um sacrifício de grande monta pode tudo expiar. Para que mais? As opiniões divergem e só fazem aumentar a preocupação do camponês, que já é muito grande. Estando por ali, por acaso, Esopo, ancião cheio de finura e sagacidade, e a quem a natureza nunca pôde enganar, disse-lhe: “Camponês, se queres fazer cessar este prodígio, dê mulheres a teus pastores”.

Esta fábula não teve refrão correspondente, como teve a anterior.

Vejam como funcionam nesta fábula as formas de heterogeneidade mostrada e a polifonia. Aqui também se identifica um Locutor que convoca um enunciador anônimo, E₁, portador do imaginário popular, de interdiscursos e da memória discursiva, explicitado por “conta-se que”. Este, em discurso indireto narra o fato. No discurso indireto, o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, “pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o conteúdo do pensamento”. No texto fabular lemos: “correu todo aflito consultar [...] um responde que [...] outro afirma que [...]”. As falas relatadas são apresentadas sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva direta: “conta-se que...”. É o sentido do verbo introdutor “conta-se...” que mostra haver um discurso relatado. O discurso direto aparece apenas na fala de Esopo, que constitui o E₂, introduzido pelo verbo “disse”.

Esta fábula apresenta um aspecto interessante, curioso: ela é iniciada com um provérbio: “Um homem experiente tem muito mais conhecimento que um adivinho”, introduzido pela expressão “Conta-se que...”. O provérbio é um caso de polifonia menos visível que as formas de discurso relatado examinadas. Seguindo Maingueneau (2001), “[...] o enunciador apresenta sua enunciação como a repetição de um número ilimitado de enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram este provérbio”. O co-enunciador é quem identifica o provérbio como tal. Mas se esse hipotético co-enunciador é falante do português falado no Brasil, não tem, possivelmente, uma memória discursiva que lhe permita reconhecer o provérbio em pauta, ou então o item **adivinho**, semanticamente, assume imagens diferentes das que tinha em Roma. O pai de santo que joga os búzios, a cartomante, por

exemplo. O contexto cultural-ideológico-religioso é quem lhe fornecerá o sentido. Mas algumas de suas propriedades lingüísticas podem constituir uma “pista” para que esses “sujeitos leitores” o identifiquem como tal. Além disso, o provérbio é curto e estruturado de maneira binária: “homem experiente / tem mais conhecimento que um adivinho”. Um outro aspecto do provérbio é ainda marcado pelo específico, sentencioso, o que o torna diferente da interação discursiva oral. No provérbio inserido por Fedro nesta fábula há um outro aspecto interessante, pois marca um dos componentes das condições de produção, o contexto religioso materializado na formação discursivo-ideológica, isto é, na palavra **adivinho**. O que é um adivinho no contexto histórico-ideológico de Fedro?

O espírito prático dos romanos, pouco preocupado com coisas abstratas, os conduzia a uma concepção totalmente administrativa e formalista das relações do homem com a divindade. Era um contrato que ligava as duas partes. Era um ritual minucioso, obrigatório, verdadeiro instrumento de terror e de dominação que assegurava pelo medo a docilidade popular. Tanto que, na fábula, o camponês aterrorizado pelo “prodígio” corre para consultar um adivinho.

O culto romano era cheio de cerimônias minuciosas, palavras consagradas que não podiam ser omitidas ou alteradas. O sacerdote é o magistrado ou cônsul etc. cada um no exercício de suas funções. Mas era necessário ter sempre ao lado homens que conheciam bem o ritual e que interpretavam os presságios. Assim se explica a existência dos “colégios sacerdotais”. Havia por exemplo, os “colegiados” dos Pontífices, dos Augures. Os adivinhos estariam entre estes. Outro fato curioso que se observa nesta fábula. Está implícita, uma incredibilidade do poeta para com as práticas e interpretações religiosas romanas, refletida nas marcas lingüísticas textuais relativas às diferentes interpretações dos adivinhos e suas propostas de solução. Fedro lança mão do argumento por autoridade na figura de Esopo, homem experiente que dá uma solução para evitar o prodígio, sem apelar para os deuses. Sua afinidade com os “cínicos”, (doutrina professada por muitos no contexto ideológico-religioso em que vivia Fedro) explica, talvez a solução dada por um mortal e não por um intermediário dos deuses.

Há um outro aspecto que gostaria de frisar. Já dissemos que as fábulas, desde seus primórdios são voltadas para o povo, sua defesa, seus protestos. Na sua função de **docere**, isto é, **de ensinar**, aborda costumes da zona rural, onde há, às vezes, homens no campo rudes, que se comportavam muitas vezes com instintos de animais, como é possível subentender-se no relato discursivo em pauta. E no promítio, a advertência da necessidade de orientá-los para a moral vigente.

Esta comunicação é, na verdade, a súmula da análise que estamos empreendendo. Não se trata ainda de um texto definitivo, pois na Metodologia do projeto procede-se, neste momento, à elaboração de critérios para a ampliação do “corpus” discursivo.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ J. **Palavras incertas**. Trad. C. Castellano et alii. Campinas; SP: Editora da UNICAMP, 1988.

BORNECQUE, H. et alii. **Rome et les Romains**. Paris: Librairie Delagrave, 1955.

BRANDÃO, H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas; SP: Editora da UNICAMP, 1995.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas; SP: Pontes, 1987.

FEDRO. **Fábulas**. Trad. Xosé C. Blanco. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1988.

MAINGUENEAU, D **Novas tendências em Análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas; SP: Pontes, 1989.